



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE O ITEM LINGUISTICO *NÃO* NO CORPUS POPULAR DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Leilian França dos Santos*****
(UESB)

Savanna Souza de Castro+++++
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva+++++
(UESB)

RESUMO

Na presente pesquisa, elegemos o item linguístico *não* como objeto de estudo e trazemos como objetivo a intenção de categorizar os usos que os falantes do Português Popular de Vitória da Conquista -Bahia fazem dessa partícula. Para tanto, em nosso artigo realizamos um estudo em gramáticas científicas e pedagógicas, sobre a classe dos advérbios e, em seguida, particularizamos no item *não*; selecionamos as ocorrências dessa partícula em dez (10) entrevistas retiradas do Corpus de Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC) e, por fim, categorizamos o uso do *não* como: 1) Introdutor discursivo; 2) Pergunta eco; 3) Manobra discursiva; 4) Reforço da primeira ocorrência. Além disso, dialogamos, por um lado, com questões de natureza semântica, morfológica e sintática desse item a partir das propostas de Cruz (1948), Miotto e Namiute (2014), Cohen e Ramos (2002), Macedo, Roncarati e Mollica (1996).

Graduanda em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo - CNPq. Voluntária (lian.franca@yahoo.com.br)

Graduanda em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. Bolsista FAPESB (sa_gbi@hotmail.com)

Doutor em Letras (área de concentração em Linguística Histórica) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professor Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenador do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (adavgvstvm@gmail.com)

+++++
+++++



PALAVRAS-CHAVE: Advérbio, Não, Português Popular.

INTRODUÇÃO

Estudamos o item lingüístico **não** com intuito de verificar as subfunções que esse pode exercer prioritariamente na oralidade dos falantes do interior da Bahia, Vitória da Conquista. Utilizamos quatro (4) entrevistas que compõem o *Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista (CORPUS PPVC)* no qual os informantes estão estratificados em sexo masculino e feminino e em faixa etária jovem, adulto e idoso, todos com escolaridade até cinco (05) anos ou sem escolaridade; e em seguida categorizamos o *não* em: (1) introdutor discursivo, (2) resposta isolada, (3) manobra discursiva, (4) reforço da primeira ocorrência.

Para tanto, em nosso artigo, realizamos um estudo, em gramáticas científicas e pedagógicas, sobre a classe dos advérbios e, posteriormente, descaremos, brevemente, sobre a teoria gerativa que promove um estudo diacrônico do operador de negação sentencial (**não**) nas gramáticas históricas tendo em vista a relação da negação com os pronomes clíticos.

Apesar dessa apresentação sucinta do gerativismo, nosso estudo baseia-se nos suportes teóricos funcionalistas e históricos do **não**, especialmente abordados por Macedo, Roncarati and Mollica (1996).

Propomos abordar algumas manifestações do **não**, visto que a língua, enquanto *parole*, é flexível, passível a mudanças e adaptações para que os interlocutores satisfaçam suas necessidades comunicativas. É provável que haja novas realizações. Contudo, apresentaremos as categorias mais pertinentes do CORPUS PPVC direcionando-as para as funções: lexical, semântica em oposição às propostas gerativistas.



Para uma melhor exemplificação das definições do item linguístico **não**, a próxima seção descreve pressupostos das gramáticas científicas e pedagógicas sobre esse advérbio.

UMA PERSPECTIVA GRAMATICAL DO ITEM LINGUÍSTICO NÃO

Na primeira seção do presente artigo, a fim de contextualizar o nosso objeto de pesquisa, abordaremos, inicialmente, na subseção 1.1a posição que o item **não** ocupa na sentença e, em seguida, apresentaremos como o **não** tem sido prescrita na tradição gramatical.

A POSIÇÃO NA SENTENÇA

Onão, tradicionalmente, é um advérbio que, na frase, posiciona-se antes do verbo, como, por exemplo, em enunciados do tipo: “Eu não posso ir ao banco”. Esta posição classificada como pré-verbal é canônica na Língua Portuguesa. Contudo, o **não**, segundo Macedo, Roncarati e Mollica (1996), também tem sido usado, sobretudo, em enunciados mais próximos à oralidade, na posição pós-verbal, como em: “vou não”

Ao lado desses dois usos em posições sintáticas diferentes, pré e pós-verbal, essa forma de negação tem ainda sido utilizada através da dupla negação, ocupando simultaneamente as posições pré e pós-verbais em um único enunciado, conforme acrescentam Cohen e Ramos (2002), como no exemplo: “Não vou não”. Nesses casos, a rigor, a primeira forma de negação aparece através do vocábulo **num** e a segunda, através da forma tônica **não**.

Temos, então, três posições ocupadas pelo **não** em um enunciado, a saber: 1. Posição pré-verbal, 2. Posição pós-verbal e 3. Posição pré e pós verbais.



O NÃO NA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Nessa seção, a partir dos compêndios gramaticais, abordaremos a classe de advérbios e, simultaneamente, quando possível, realizaremos, também, uma abordagem sobre o advérbio foco de nosso estudo, o **não**. Para tal abordagem, recorreremos a Arnould e Lancelot (1612/2001), Souza Lima (1937), Silveira Bueno (1944), Rocha Lima (1915/1991), Said Ali (2001), Almeida (2004), Souza da Silveira (1983), Cunha e Cintra (1985), Bechara (2004) e Pe Antônio Cruz (1948).

Na *Gramática de Port-Royal*, Arnould e Lancelot (1612/2001), no capítulo “*Dos advérbios*”, expõem que o aparecimento da classe morfológica advérbio surgiu a partir da necessidade de se abreviar vocábulos do discurso já que o advérbio tem, *a priori*, a função significar em uma só palavra aquilo que seria expresso por uma preposição e um substantivo. Os gramáticos acrescentam ainda que “[...] essas partículas se juntam comumente ao verbo, para modificar e determinar a ação [...]” (1612/2001, p. 80). E essa é, segundo eles, a razão do nome advérbios.

Souza Lima por sua vez, na *Gramática Expositiva da Língua Portuguesa* abre a discussão a respeito de advérbios, afirmando que “os advérbios essenciais relacionam-se as palavras adverbiadas e as locuções adverbias.” (1937, p. 175) Para esse gramático, as palavras adverbiadas são definidas como “[...] quaisquer vocábulos que assumem acidentalmente a função de advérbios.[...]” (1937, p.175). Ainda nesse capítulo, Souza Lima (1937) afirma que o advérbio **não** é empregado sem valor negativo em frases exclamativas que tenham *que, qual, quanto, quão*. Como exemplo, cita “*Que prantos que não regaram/As faces de D. Martinho!*” (THOMAS RIBEIRO, Dom Jayme, p.13, apud Lima, 1937).

Silveira Bueno, na *Gramática Normativa*, caracteriza o advérbio como a palavra que expressa uma circunstância do verbo ou a intensidade da qualidade dos adjetivos[...].” (1944, p.166). O autor ressalta, no entanto, que, embora a função



prototípica do advérbio seja a de modificar verbo, adjetivo e advérbio, esse item gramatical, por vezes, modifica também substantivos.

Said Ali (2001) ratifica Silveira Bueno (1944) e acrescenta que a classe de advérbios traz ainda os conceitos de tempo, lugar, modo, que delimita ou esclarece o sentido da classe gramatical que o acompanha. Almeida (2005), ao falar de advérbio, nessa mesma linha de Silveira Bueno (1944), pontua os aspectos de circunstância, função e forma, assim como faz Rocha Lima (1915/1991) na Gramática Normativa da Língua Portuguesa.

Por sua vez, o Pe. Antônio da Cruz (1948), no *Pontuário da Análise Gramatical e Lógica*, curiosamente, já atribui ao vocábulo **não** quatro funções, que são:

1. **Adv. de negação.** Ex.: *Não* quero que estudes demais.
2. **Adv. de dúvida.** Ex.: Eu *não* (= acaso) lhe disse?
3. **Expletivo.** Ex.: Que doce *não* era a vida! Não veio, não.
4. **Loc. Interjectiva:** Ex.: *Não* mais!
5. **Locução adverbial:** *Não* vê. (CRUZ, 1948 p. 44)

Almeida (2005) e Souza da Silveira (1983) reafirmam a colocação realizada por Lima (1937) com relação a perda do valor negativo do advérbio **não** em frases que tenham as expressões *quanto, que*. Como em “Que bela coisa não é o ato de ler!” (ALMEIDA 2005, p.321) ou ainda “Quantos não fêz cadáveres/Num leito o sono brando!” (A.F.de Castilho, *Cântico da Noite*). Apud Sousa da Silveira (1883/1967, p. 221)

Para Cunha e Cintra (1985), gramáticos que limitam a classe advérbios ao escopo do verbo, a função de negação é atribuída restritamente apenas ao advérbio **não** que, segundo esses gramáticos, aparece invariável em posição pré-verbal e, para Bechara (2004), o “[...] advérbio denota uma circunstância e desempenha na oração a função de adjunto adverbial [...]” (p.287)



Feito esse percurso inicial pela Tradição Gramatical, a partir de agora, lançaremos um olhar nos trabalhos de natureza descritivista para analisarmos as funcionalidades do **não**.

NÃO: CARACTERÍSTICAS DESCRITIVAS DA SUA FUNÇÃO

Nessa seção, apresentado os postulados básicos prescritos nos compêndios gramaticais, abordaremos o **não**, a partir da Tradição Linguística. Para essa discussão, traremos, na subseção “*Não: características descritivas da sua função*”, os estudos realizados pelos pesquisadores Azeredo (2008), Koch(2001), Mira Mateus et al (1983), Perini (1998) ,Miotto e Namiute (2014) e, na subseção “*Análise sociofuncionalista do item lingüístico não*”, as pesquisas de Macedo, Roncarati e Mollica (1996),Abaurre e Rodrigues (2002),Cohen e Ramos (2002) e Neves (2000).

2.1 O não: operador de negação

Azeredo (2008) ressalta que, além de sua função modificadora, o advérbio também traz sua mobilidade posicional em relação ao termo que modifica e Koch (2001) também percebe o advérbio como partículas modais, visto que são palavras flexíveis na frase. Essa proposição de Azeredo (2008) e de Koch (2001) vai de encontro a posição fixa do advérbio apresentada, na Tradição Gramatical, sobretudo por Cunha e Cintra (1985).

Mira Mateus et al (1983) argumentam que, além dos elementos já considerados pelos gramáticos, a negação pode ter como escopo a proposição subjacente à frase. E a esse respeito, afirma ainda que o

[...] *não* é a marca tradicionalmente considerada como o elemento de constituição do processo de negação dentro do sistema da língua portuguesa e da não norma-padrão de Portugal. (MIRA MATEUS ET AL 1983, p.155)



Perini (1998), por sua vez, pontua que as classes de advérbios, denominada por ele com adverbais, agrupam termos com papéis temáticos bem diferenciados que poderiam estar em outras classes. E acrescenta à discussão que, com relação a negação verbal, assim como o verbo e os sintagmas nominais, adjetivos e adverbais, como seria o caso do item **não**, não recebem papéis temáticos nas orações, embora tenha importância na semântica da oração.

Castilho (2010), contribuindo com a discussão, acrescenta que a classe dos advérbios não admite apenas a função modificador/predicação, mas também a dêixis e verificação. Tendo em vista, a categorização dos advérbios, principalmente os de negação, o gramático afirma que o item **não** nega não com uma sentença, mas também funciona como advérbio de constituinte, marcando assim a repetição deste item podendo sofrer um desgaste fonológico a partir da cliticização do verbo.

Em uma abordagem gerativista diacrônica, os estudiosos Miotto e Namiuti (2014) discorreram sobre a negação sentencial e a relação com os pronomes clíticos nas gramáticas históricas. E, nessa discussão, os pesquisadores mostraram como o advérbio **não** se diferencia dos outros advérbios de negação e como estudá-lo possibilita uma reflexão a cerca da gramática e das categorias funcionais, na qual o **não** pertence.

Conforme Miotto (2014) e Namiuti (2014) o **não**, operador de negação sentencial, é classificado como categoria funcional, por ser imutável, fechada ao ponto de não criar novos léxicos e, principalmente, por fazer associações com outras palavras de maneira hierárquicas.

Entendemos por estruturas hierárquicas não só uma estrutura linear, mas também como associações internas de palavras. Sendo assim, o operador de negação sentencial é uma unidade sintática que compõe a hierarquia sentencial, no qual ocupa a categoria nuclear.

Observando o operador de negação **não** e a sua relação com os pronomes clíticos segundo os parâmetros da gramática gerativista, Miotto e Namiuti (2014) argumentam que “uma sentença negativa é definida por meio de uma categoria funcional NegP que



deve ter seu núcleo ou seu Spec preenchido por uma palavra negativa apropriada.” (MIOTO e NAMIUTE, p. 97). Sendo assim, advérbio de negação **não** deve ocupar a posição canônica, ou seja, pré-verbal.

Outra questão pertinente apresentada por eles são as características distintivas entre o **não** e os demais advérbios de negação (jamais, nunca). Uma delas é que o pronome clítico pode intervir entre o este advérbio e o verbo, além disso, na histórica gramatical, o operador **não** é o que mais aparece alternado entre o clítico e o verbo por ser apresenta dois caracteres:

O primeiro é o caráter peculiar do **não**, compreendido como uma espécie de clítico desde o nascimento do português. O segundo são as propriedades das estruturas que subjazem às gramáticas das fases históricas da língua. Como as propriedades que se referem ao estatuto do sujeito pré-verbal e ao núcleo funcional que verbo e clítico, ao se moverem, podem alcançar em cada período da história da língua. (MIOTO e NAMIUTE p. 101)

Os pesquisadores perceberam que, nas variações gramaticais do Português Europeu e o Português Brasileiro, o **não** ocorre adjacente ao verbo, isso é resultado da estrutura hierárquica da qual o **não**, ou seja, o NEGP domina o IP, o verbo. Tal ocorrência é explicada por eles pela diferença estabelecida com os outros advérbios de negação

Não encaramos ou outros itens negativos como candidatos a núcleo do sintagma porque, embora se possa admitir que embutem a negação se ocorrem em posição pré-verbal, eles realizam uma operação a mais além de negar. Por exemplo, além de negar, o *nunca* pré-verbal estende a negação por todo o tempo. (MIOTO e NAMIUTE. p. 107)

Em oposição aos estudos gerativistas, em que se preocupam primariamente com forma do item, no Funcionalismo, o interesse recai sobre a função desempenhada por algum item linguístico no uso real da língua, nesse caso o **não**.

O (Sócio) Funcionalismo, teoria que agrega princípios da Sociolinguística ao princípios do Funcionalismo, concebe a língua com uma estrutura maleável,



suscetível tanto a mudanças, quanto a variações diacrônicas e sincrônicas, na qual o falante adequa as situações comunicativas, e por isso o contexto social é relevante para analisar a língua como um fenômeno social. Na próxima seção, abordaremos o uso do **não** à luz dessa teoria.

O ITEM LINGUÍSTICO NÃO: ANÁLISE (SÓCIO) FUNCIONALISTA

Diante do que é exposto pelas linguistas Macedo, Roncarati e Mollica (1996), o **não** ocorre na posição pós-verbal se opondo a posição vista como canônica em que a negação ocorre antes do verbo, essas são características comuns aos nordestinos. Os pesquisadores apontam também a ocorrência em dupla negação, em que o **não** tanto pode ter um valor neutro na sentença, como pode ser uma forma mais enfática de confirmar sua colocação, é apontado por eles que o **não** nega não uma sentença afirmativa, mas, uma ocorrência previamente posta, de forma que o intuito do falante é direcionar ou redirecionar o foco do diálogo ao seu interlocutor tornando essa uma negação mais forte, pois promove uma correção (semântica). Sendo assim, a ocorrência no **não** pré-verbal e a dupla negação estão presentes no corpus do Português Popular de Vitória da Conquista.

Abaurre e Rodrigues (2002) trazem uma abordagem acerca da negação analisando-a como uma ocorrência pré-verbal como sendo a mais comum no português brasileiro independentemente do predicado, de forma que essa situação adjacente pode ser alterada a partir da introdução de elementos clíticos tornando-o um advérbio. Contudo, segundo os autores essa situação se repete também quando há um núcleo nominal. Eles apontam que quando há uma ocorrência que não a pré-verbal ela exprime contrastes entre dois XPs (implícitos ou explícitos) de forma que esse fato se dá de maneira mais despreendida em perguntas e respostas.

A partir dos estudos da variação linguística, Cohen e Ramos (2002) apresentam não apenas uma análise do item **não** como pré-verbal e do pós-verbal, mas, das duas

ocorrências, em um mesmo enunciado, apontando este como um caráter marginal da língua devido o seu baixo índice de incidência. Diante da definição de advérbio e quase clítico, os pesquisadores afirmamos seu aspecto clítico deve-se ao fato principalmente da ocorrência fonológica, onde ele normalmente ocorre antes do verbo.

A abordagem feita por Cohen e Ramos (2002) favorece a postura de clítico dentro do escopo de ocorrência do Brasil, a partir da sua variante *num* dentro de um determinado espaço linguístico de incidência como; o **não** no fim de uma ocorrência, sua manifestação plena dentro do mesmo enunciado dentre outras formas, além da posição pós-verbal assemelhando ao que é dito por Abaurre e Rodrigues (2002). Contudo o **não** depende de uma base, nesse caso normalmente é um verbo e a sua variante reduzida *num* que também depende de outros quantificadores tais como, *nada* e *ninguém*.

Reportando-nos a Vitral e Coelho (2010), também sobre a questão da negação mais precisamente das suas formas reduzidas, apresentam uma definição do item **não** a partir de pressupostos da gramática gerativa como sendo uma palavra funcional constituindo o núcleo de uma manifestação mais elevada. Eles apontam que os jovens realizam com mais frequência a forma plena do **não** do que os idosos, assim como em mulheres por se preocuparem com o prestígio social. De acordo com os autores, esse fato deve-se a processos de gramaticalização diante de aspectos fonológicos-acústicos.

Desse modo, *onum*, dentre outros, apresenta uma das suas variáveis, de forma que, assim como elementos clíticos ele não ocorre, isolado, como resposta, após o verbo e nem em tópico. Além disso, para assegurar a afirmação de clítico eles pontuam algumas características que o diferencia dos afixos; como a sua facilidade de combinação a outros vocábulos, não alteram o hospedeiro dentro de um contexto morfofonológico e de se juntar também a outros clíticos. Além disso, os autores ressaltam que o **não** pode juntar-se a adjetivos, por exemplos, “*não-viáveis*”.

Neves (2000), por sua vez, sugere que o **não** possui um aspecto básico dentro do funcionamento da língua que é, a priori, a função de advérbio. É válido ressaltar que, nesses casos, o advérbio **não** se construa no enunciado com outras manifestações, sendo



assim, Neves (2000) elencam cinco categorias que o item linguístico **não** atua como: introdutor discursivo, pergunta eco, manobra discursiva, e resposta isolada e reforço da primeira ocorrência, na qual adotamos para análise do *Corpus* Português Popular de Vitória da Conquista (CORPUS PPVC).

METODOLOGIA

Para a análise do nosso objeto de estudo, utilizamo-nos de entrevistas retiradas do *Corpus* Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) que compõe os *Corpora* constituídos pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo (Grupo JANUS). Esse *Corpus* é composto por 24 informantes, estratificados em sexo masculino (12 informantes) e feminino (12 informantes), nas faixas etárias I (de 15 a 25 anos), II (26 a 50 anos) e III (mais de 50 anos). Todos os informantes ou não possuem escolaridade ou possuem até 5 anos de escolaridade.

Para a realização dessa pesquisa, realizamos um recorte no *Corpus* PPVC e selecionamos 10 (dez) entrevistas. Esclarecemos que a análise será realizada nos excertos de fala dos informantes do *Corpus* PPVC. Contudo, com o propósito de categorizar de forma mais eficaz as ocorrências do **não**, foi necessário também apresentar, na análise, a fala do documentador, tendo em vista que essa funciona como “gatilho” para o uso do item em estudo por parte do informante.

Análise e discussão dos dados

Categoria 1 : RESPOSTA ISOLADA

Normalmente, o **não** é o elemento utilizado para negar uma sentença, mas o mesmo pode atuar sozinho em resposta a perguntas que exigem apenas sim ou não. Sendo assim, essa manifestação do **não** é característica da categoria da resposta isolada, temos como exemplo:



- (01) DOC: *Mas você pratica algum esporte? INF: Não*”(W. S.O. 41 anos -M),
(02) DOC: *Solteiro né ? Mas você não tem filhos não?INF : Não.*”(R.T-M),
(03) DOC: *Eh... tem alguma coisa que te magoa muito?INF: Não.*” (A. S. A 37anos - M)
(04) E*:*A senhora falou que não gosta de carnaval .I*: Não*”(M. C. A. O 75anos-F)
(05) E* *Você + você acha + você tem intenção assim de + já pensou em morar em outro bairro? I* Não.E* Em outra cidade?I* Não.*”(A. A. B. 38 anos - F).

Percebemos que as respostas dos itens (1) a (5), que se encaixam dentro da categoria delimitada nesse tópico, poderiam ser melhores exploradas discursivamente. No entanto, em contrapartida à pergunta realizada pelo entrevistador, o informante se propõe a, de forma bastante objetiva, responder exatamente e apenas o que lhe foi questionado.

Categoria 2 : REFORÇO DA PRIMEIRA OCORRÊNCIA

O reforço da primeira ocorrência do **não** ocorre quando a frase já possui o item gramatical e é duplicado para que o valor negativo seja intensificado, porém um termo não anula o outro. Tal manifestação, segundo Neves (2000), ocorre com maior frequência no português popular, além de vir acompanhada de outras negações como: nada, ninguém, nenhum, né e num , variações coloquiais do **não**, entre outros. Exemplos de Reforço da primeira ocorrência no *Corpus* em análise são:

- (06) *Só que num gosto do meu padraço não.Mais pra mim não num gosto não.*
(07) *Não... todas num trabalha não, as... as criança que conheço, tudo normal, num trabalha não.* (G. N. B. 24 anos-F)
(08) *Num acho muito boa não... acho muito boa não.* (G. N. B.-F 24 anos).
(09) *Não, não.*(M. J. P. S. 42 anos - F).
(10) *Eu gosto mar não sai pra cantu nenhum não...*(M. C. A. O 75anos-F)

Categoria 3 : MANOBRA DISCURSIVA

Quanto à manobra discursiva, Neves (2000) afirma que “[...] a força entonacional que [...] [é] colocada em determinado constituinte do enunciado deve marcar a afirmação (ou aceitação) de um constituinte e a negação (ou a refutação) de outro.” (2000 p. 301). Sendo assim, o falante faz uma correção da sua fala, logo no instante em que ele afirma alguma coisa. Vejamos os exemplos de Manobra discursiva:

- (11) *Eu comprei, não foi meu marido que me deu;* (E. S. P -F).
- (12) *Não... é tem quase um ano num é seis meses não, faz um ano já*(G. N. B. 24 anos-F).
- (13) *na praia eu gostava muito de... gostava muito de futebol, gostava não, gosto até hoje*(E. F O. 72 anos).
- (14) *[Bom] conheço, mas não como aquele da minha ...*(M.L.S.S 74 anos-F).

A partir da observação dos excertos de fala (11) a (12), é possível notar que os usos do item **não** tiveram como propósito, na fala, a refutação de alguma informação. Assim, no (11), o informante altera o sujeito/ator da compra que deixa de ser ele mesmo para ser o marido. Em (12), a ratificação gira em torno da precisão da data que se aproxima mais de 12 meses (um ano) do que de 6 meses, conforme o informante havia afirmado inicialmente. No enunciado (13), E.F.O. ratifica o uso do verbo no pretérito e o atualiza para o presente, já que o ato de gostar de futebol, para o informante, não é algo que está no passado. E, no enunciado (14), o informante demonstra uma justificativa pelo fato de conhecer tão bem algo percorrido anteriormente.

Categoria 4 : PERGUNTA ECO

Quanto ao que é definido como Pergunta Eco, podemos dizer que essa definição repousa no fato que, embora o interlocutor faça uma pergunta, não necessariamente se espera uma resposta, é apenas um instrumento de interação entre os interlocutores no

diálogo. Perguntas com respostas pré-determinadas pelo locutor, espera-se sempre uma resposta que atinja suas expectativas. Por isso, as perguntas eco são orações compostas pela negação no final do período e que, normalmente, são separados por pausa/hesitação (entonacionalmente) marcados. Exemplo: Pergunta eco:

- (15) *Inf: hoje não, a hoje a pessoa num estuda quem não quer, né?*(M. J. P. S. 42 anos-F)
- (16) *Inf: num tenho nada que falá daqui de Conquista de ruim não, só tem que falar de bom... né não?"* (E. F. 072anos- M).
- (17) *INF: Não é isso?"*(J.P.R. B 80 anos-F).
- (18) *Inf: Não, novela eu num gosto, né?*(J.A.P 79 anos- M).
- (19) *INF: não tinha condições de pa... de pa... depagá não coitado agora [cê podia dizê] que era tudo ladrão, né?* (E. F O. 72 anos)
- (20) *INF: O Brasil... o Brasil precisa de tanta coisa tanta mudança né não?*(E. F. O. 72 anos- M).

Percebemos que, em todos os dados que foram utilizados como exemplo, os diferentes falantes usaram a forma reduzida do **não** neste caso o *né*, para estabelecer essa interação com seu interlocutor.

Categoria 5 : INTRODUTOR DISCURSIVO

Analisando os dados que compõem a categoria, Introdutor Discursivo, o item linguístico **não** é utilizado de forma bastante peculiar, pois, ele neste caso não possui o peso de uma negação. Dessa forma o falante, faz deste item como outros itens usados em introduções discursivas como: então, por exemplo, veja, olhe. Vejamos algumas ocorrências nessa categoria:

- (21) *Não as coisas foi piorano;*
- (22) *Não, sim. Vou falar."*(E. S. B- F 45 anos).



- (23) *DOC: Por que morreu?*
- (24) *INF: Não, ele morreu porque passou de hora, entendeu?”(E. S. B- F 45 anos)*
- (25) *DOC: Me conte como foi essa questão.*
- (26) *INF: Não, a questão foi assim, que aí a gente tomou um banho no rio, sabe?”(E. S. B- F 45 anos)*
- (27) *DOC: A senhora se lembra de alguma coisa que eles falavam que a senhora achava interessante?*
- (28) *INF: Não, eu lembro sim que...”(E. S. B- F 45 anos)*
- (29) *DOC: Ele fazia o quê? Ele trabalhava com quê?*
- (30) *INF: Não, ele trabalhava, ele era caçador... (E. S. B- F 45 anos)*

É válido ressaltar ainda que essa forma, a nosso ver, é a forma no qual a sentença negativa mais aparece esvaziada de sentido. Essa seria uma das razões para sugerirmos que tal categoria do item não seja a mais gramaticalizada.

CONCLUSÕES

A partir desse estudo, percebemos que muitas são as discussões sobre o item linguístico **não** e, que à luz dos preceitos funcionalistas conseguimos explorar as realizações do **não** no uso real da língua, e então catalogar, com base em Neves (2000), cinco categorias: introdutor discursivo, resposta isolada, dupla negação, manobra discursiva, pergunta eco e reforço da primeira ocorrência. Observamos que o **não** pode exercer varias funções gramaticais tendo com base princípios variacionais tanto da sintaxe, quando semântico e também de manobras discursivas a fim dos falantes manterem interação social.



REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.B.; RODRIGUES, A. C. S (Orgs). **Gramática do Português Falado**. Vol.VIII: Novos estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- ALMEIDA 2004 ARNAULD, A.; LANCELOT, C. **Gramática de Port-Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 2. ed
- AZEREDO, J.C. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 37. ed
- CASTILHO, A. T. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COHEN, M.A; RAMOS, J.M. (Orgs.). **Dialeto mineiro e outras falas**: Estudos de variação e mudança linguística. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG, 2002.
- CRUZ, A. **Prontuário de Análise Gramatical e Lógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1948.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- MACEDO, A.T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (Orgs.) **.Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MIOTO, C. NAMIUTE, C. Clíticos e negação em português: elementos para uma descrição gramatical. In: **Filol; Linguíst.**, Port., São Paulo, v.16, n.spe, p. 95-123, dez 2014
- MIRA MATEUS, M. H. et al. **Gramática da língua portuguesa**: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Almedina, 1983.
- NEVES, M.H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2001.
- SILVEIRA BUENO, F. **Gramática normativa da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1944.
- SOUSA DA SILVEIRA. **Lições de português**. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.
- VILELA, M. KOCH, I.V. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.
- VITRAL, L.; e COELHO, S.; (Org.) **Estudos de processos de gramaticalização em português**: metodologias e aplicações. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- VITRAL, L; RAMOS, J. **Gramaticalização**: uma abordagem formal. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.